



Por que Jacó descreve Deus como um guerreiro divino?

“[P]ois o Deus Poderoso libertará o povo do convênio. Pois assim diz o Senhor: Eu lutarei contra os que lutarem contra ti”.
2 Néfi 6:17

O conhecimento

O poderoso discurso de Jacó registrado em 2 Néfi 6-10 usa algumas imagens intensas em que ele descreve Deus como pronto para defender seu povo fiel do convênio e lutar batalhas em seu favor. O povo de Jacó havia sido tirado de sua terra ancestral em Jerusalém e estava preocupado com o fato de terem sido separados das promessas do convênio de prosperidade e segurança do Senhor. Jacó procurou tranquilizar seu povo de que o Senhor não o havia esquecido usando a representação bíblica tradicional de Deus como um Guerreiro Divino que tinha o poder de intervir e cumprir as promessas de Seu convênio.

Jacó começou seu discurso lendo para seu público as palavras de Isaías e fornecendo alguns de seus próprios comentários como uma forma de “aplica[r]” as palavras de Isaías com eles (2 Néfi 6:4-5). Ele

explicou como, após ser perseguido e crucificado nas mãos dos judeus, o Messias viria uma segunda vez “com poder e grande glória, para a destruição de seus inimigos, no dia em que acreditarem nele; e não destruirá nenhum dos que nele crerem” (v. 14).

Jacó buscou inspirar esperança em seu povo, assegurando-lhes que o Senhor viria para lutar suas batalhas devido aos convênios que haviam estabelecido com Ele. Ele lhes assegurou, citando Isaías: “[P]ois o Deus Poderoso libertará o povo do convênio. Pois assim diz o Senhor: Eu lutarei contra os que lutarem contra ti” (2 Néfi 6:17; Isaías 49:25).



Este tipo de linguagem, que atribui a Jeová as características de um “guerreiro divino” que vem do céu para travar batalhas em nome do Seu povo do convênio, é encontrada em todo o Velho Testamento e é comum em tradições relacionadas a muitas divindades em todo o mundo antigo. Quando os antigos israelitas celebravam a história da intervenção de Deus para salvar ou redimir a Seus filhos, muitas vezes usavam imagens dramáticas de Deus vindo como um herói conquistador vencendo a oposição.

Daniel Belnap, professor de escrita antiga da BYU, explicou que, em todo o antigo Oriente Próximo, a história da criação do cosmos por Deus era frequentemente descrita como a Divindade vencendo o Caos. Nessas tradições, o Caos era frequentemente equiparado ao “oceano pré-cósmico”, que era caracterizado como uma serpente ou um monstro. O processo de criação consistiu em uma batalha entre o deus guerreiro e o monstro do caos, onde Deus mata o monstro, na qual Deus matava o monstro, pegava sua carcaça e a transformava no cosmos, “impondo assim ‘ordem’ ao caos”.

Embora esta não seja a história da criação que vemos em Gênesis, esses temas de conquista aparecem muitas vezes ao longo do Velho Testamento. Por exemplo, após o relato dos filhos de Israel passando pelo Mar Vermelho em terra seca, o livro do Êxodo registra uma canção de gratidão que Moisés ofereceu, louvando a Deus por agir em nome de Israel em seu papel de Guerreiro Divino.

O Senhor é a minha força, e o meu cântico; ele me foi por salvação [...] O Senhor é homem de guerra; o Senhor é o seu nome. A tua destra, ó Senhor, glorificou-se em poder; a tua destra, ó Senhor, despedaçou o inimigo. (Êxodo 15:2-3, 6)

No Salmo 106:9, é evidente que o inimigo vencido do Êxodo era, mais uma vez, o mar: “Repreendeu o Mar Vermelho, e este secou, e os fez caminhar pelos abismos como pelo deserto”.



Quando Jacó compartilhou seus próprios pensamentos sobre as leituras de Isaías, ele usou o conceito de monstro para descrever o caos inerente à nossa vida mortal, do qual somente Deus pode salvar. Em 2 Néfi 9:10-11, ele declarou:

Oh! Quão grande é a bondade de nosso Deus, que prepara um caminho para nossa fuga das garras desse terrível monstro, sim, aquele monstro, morte e inferno, [...] E por causa do caminho de libertação de nosso Deus, o Santo de Israel, essa morte [...] libertará seus mortos; essa morte é a sepultura”.

Jacó ensinou que o Santo de Israel libertará seus santos “daquele horrível monstro, o diabo, e da morte e do inferno e daquele lago de fogo e enxofre que é tormento sem fim”. (2 Néfi 9:19). Ele passou a proclamar que é por meio da “expição” que Deus pode livrar desse monstro (vv. 25-26).

O porquê



Um dos principais propósitos do discurso de Jacó em 2 Néfi 6-10 foi ensinar a seu povo “dos convênios que o Senhor fez com toda a casa de Israel” (2 Néfi 9:1), para que “[possam alegrar-se] e para que levant[ar] a cabeça para sempre” (v. 3). Os leitores modernos podem se perguntar como descrever Deus como um guerreiro conquistador teria dado aos antigos crentes esperança e fé de que Deus cumpriria esses convênios.

O Senhor havia prometido a Israel no livro de Deuteronômio, um livro com o qual a família de Leí provavelmente estava muito familiarizada, que, se fossem obedientes aos convênios que haviam feito com Ele, Deus os livraria de seus inimigos e então “lhes infligirá [a eles] grande confusão, até que sejam destruídas” (Deuteronômio 7:23). O Senhor declarou da mesma forma em Deuteronômio 32:41-43: “Se eu afiar a minha espada reluzente, e se a minha mão agarrar o juízo, farei tornar a vingança sobre os meus adversários [...] porque vingará o sangue dos seus servos”.

O povo do convênio foi ensinado que, se guardassem seus convênios, poderiam invocar o Senhor para cumprir Sua promessa de defendê-los de todo dano e mal. Por exemplo, no Salmo 74:20-22, quando Israel enfrentou os “gritos dos [seus] inimigos”, eles imploraram a Deus que: “Atenta ao teu convênio [...] Levanta-te [...] lembra-te”.

Este salmo afirma a confiança de que Deus pode fazer isso porque, no passado, ele operou a “salvação no meio da terra”. Ele “dividi[u] o mar pela [sua] força” e “esmag[ou] a cabeça dos monstros marinhos” e “[f]end[eu] a fonte e o ribeiro” (Salmos 74:12-13, 15). O pensamento devoto aqui é que, se o Senhor tivesse feito essas coisas maravilhosas no passado, Ele certamente poderia vir agora para libertar Seus santos fiéis, como prometeu fazer.



Especialmente porque a família de Leí havia sido dispersa ou tirada de sua antiga terra de herança e sentia-se afastada de suas bênçãos do convênio, Jacó procurou ajudá-los a entender que o Senhor era capaz de cumprir Suas promessas a todos aqueles que guardassem seus convênios, onde quer que estivessem. Jacó terminou seu discurso assegurando-lhes que sua posteridade receberia “o verdadeiro conhecimento de seu Redentor” e exortando sua audiência a se lembrar da capacidade salvadora do Guerreiro Divino: “E agora, meus amados irmãos [...] lembremo-nos dele e deixemos de lado o pecado e não inclinemos a cabeça, pois não fomos rejeitados” (2 Néfi 10:2, 20).

Para os leitores modernos, o uso da tradição do Guerreiro Divino nas escrituras pode nos garantir que Deus nos ajudará a travar nossas batalhas e virá em nosso auxílio, especialmente para vencer as forças do Maligno ao nosso redor. A batalha pode ser contra o pecado e a tentação, ou contra a dúvida e a desconfiança, ou contra provações e aflições. Em seu poderoso discurso do convênio, Jacó ilustra como as Escrituras apresentam o Santo de Israel como o Guerreiro Divino prometido, a fim de assegurar a todos os filhos de Deus que Ele nos ajudará a lutar e a prevalecer sobre todo e qualquer desafio que enfrentarmos.

Leitura complementar

Central do Livro de Mórmon, “Por que Jacó teria escolhido o símbolo de um “monstro” para descrever a morte e o inferno? (2 Néfi 9:10)”, *KnoWhy* 34 (11 de Fevereiro de 2017).

Daniel Belnap, “‘I Will Contend with Them That Contendeth with Thee’: The Divine Warrior in Jacob’s Speech of 2 Nephi 6–10”, *Journal of the Book of Mormon and Restoration Scripture* 17, no. 1–2 (2008): pp. 20–39.

John S. Thompson, “Isaiah 50–51, the Israelite Autumn Festivals, and the Covenant Speech of Jacob in 2 Nephi 6–10”, em *Isaiah in the Book of Mormon*, ed. Donald W. Parry e John W. Welch (Provo, UT: FARMS, 1998), pp. 123–150.



© Central do Livro de Mórmon, 2017

Notas de rodapé

1. Para estudos mais extensos deste tópico, ver Frank Moore Cross, *Canaanite Myth and Hebrew Epic: Essays in the History of the Religion of Israel* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1973); Patrick D. Miller Jr., *The Divine Warrior in Early Israel* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1973); John Day, *God's Conflict with the Dragon and the Sea: Echoes of a Canaanite Myth in the Old Testament* (Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1985); Bernard F. Batto, *Slaying the Dragon: Mythmaking in the Biblical Tradition* (Louisville, KY: Westminster, 1992); Nicholas Wyatt, *Myths of Power: A Study of Royal Myth and Ideology in Ugaritic and Biblical Tradition* (Munster: Ugarit-Verlag, 1996); Martin Klingbeil, *Yahweh Fighting from Heaven: God as Warrior and as God of Heaven in the Hebrew Psalter and Ancient Near Eastern Iconography* (Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1999); Michael A. Fishbane, *Biblical Myth and Rabbinic Mythmaking* (Oxford, Reino Unido: Oxford University Press, 2003).
2. Um excelente exemplo disso é o Salmo 18:16, no qual o servo do Senhor chama o Senhor, que o ouve e vem voando sobre um querubim para salvá-lo de seus inimigos e de “muitas águas”. Os versículos 13-15 anunciam: “E o Senhor trovejou nos céus, o Altíssimo levantou a sua voz; a saraiva e as brasas de fogo. Enviou as suas setas, e os espalhou; multiplicou raios, e os perturbou. Então foram vistas as profundezas das águas, e foram descobertos os fundamentos do mundo, pela tua repreensão, Senhor, ao sopro do vento das tuas narinas.”³. Daniel Belnap, “I Will Contend with Them That Contendeth with Thee’: The Divine Warrior in Jacob’s Speech of 2 Nephi 6–10”, *Journal of the Book of Mormon and Restoration Scripture* 17, no. 1–2 (2008): p. 23.
4. Para saber mais sobre “monstro [...] morte e inferno”, ver o artigo da Central do Livro de Mórmon, “Por que Jacó teria escolhido o símbolo de um “monstro” para descrever a morte e o inferno? (2 Néfi 9:10)”, *KnoWhy* 34 (11 de Fevereiro de 2017).
5. Belnap explicou que “o ato de levantar a cabeça estava associado à libertação do cativo e da libertação”. Belnap, “I Will Contend”, 32; cf. 2 Néfi 10:20; Mosias 7:18–19; 24:13; Salmo 3:1, 3 e 7.
6. O livro de Deuteronômio era provavelmente o “livro da lei” que havia sido redescoberto no Templo de Jerusalém pelos sacerdotes do rei Josias, cerca de duas décadas antes de Leí deixar Jerusalém. Noel B. Reynolds, “The Israelite Background of Moses Typology in the Book of Mormon”, *BYU Studies* 44, no. 2 (2005): p. 10; ver também, Neal Rappleye, “The Deuteronomist Reforms and Lehi’s Family Dynamics: A Social Context for the Rebellions of Laman and Lemuel”, *Interpreter: A Journal of Mormon Scripture* 16 (2015): pp. 87–99.